

## Ficção seriada “*Insecure*”: representatividade, protagonismo feminino negro e influência de mulheres na trilha musical

Serial fiction “*Insecure*”: representativeness, black female protagonism and influence of women in the musical score

Ficción serial “*Insecure*”: representatividad, protagonismo feminino negro e influencia de la mujer em la partitura musical

**Gabriela Santos Alves** – Universidade Federal do Espírito Santo | Cariacica | Espírito Santo | Brasil. E-mail: [gabriela.alves@ufes.br](mailto:gabriela.alves@ufes.br) | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5243-7499>

**Dyone Arruda Cypriano** – Universidade Federal do Espírito Santo | Cariacica | Espírito Santo | Brasil. E-mail: [dyocypriano@gmail.com](mailto:dyocypriano@gmail.com) | Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6921-8776>

**Resumo:** A proposta deste artigo é refletir sobre o protagonismo da mulher negra presente na narrativa seriada americana de ficção *Insecure* (lançada em 2016), na temporada 1 e 2. O foco da reflexão, se constituirá na análise da inserção de trilha musical, composta majoritariamente por rappers, compositoras e cantoras negras. O estudo foi realizado através de análises das protagonistas Issa Dee (Issa Rae) e Molly Carter (Yvonne Orji) e suas principais ações dramáticas nos episódios, em diálogo com música e trilha musical (que são utilizadas para narrar o episódio, expressar sentimentos, pensamentos). O quadro teórico base desta pesquisa é a vertente do feminismo negro nas correntes contemporâneas norte-americana e brasileira e a metodologia utilizada consiste em análise fílmica-sonora.

**Palavras-chave:** *Insecure*; trilha musical; feminismo negro.

**Abstract:** The purpose of this article is to reflect on the protagonism of the black woman presente in the American fiction serial *Insecure* (launched in 2016) in seasons 1 and 2. The focus of the reflection will be the analysis of the insertion of a musical track, composed mostly by black rappers, songwriters and singers. The study was carried out through the analysis of the protagonists Issa Dee (Issa Rae) and Molly Carter (Yvonne Orji) and their main dramatic actions in each episode, in dialogue with music and musical score (which are used to narrate the episode, express feelings, thoughts). The theoretical framework of this research is the aspect of black feminism in contemporary North American and Brazilian currents and the methodology used consists of film-sound analysis.


**Keywords:** *Insecure*; musical score; black feminism.

**Resumen:** El propósito de este artículo es reflexionar sobre el protagonismo de las mujeres negras presentes en la serie de ficción estadounidense *Insecure* (2016; 2017), en las temporadas 1 y 2, centrándose en la banda de sonido, compuestas en su mayoría por rappers, compositoras y cantantes negras. El estudio se realizó a través del análisis de las protagonistas Issa Dee (Issa Rae) y Molly Carter (Yvonne Orji) y sus principales acciones dramáticas en los episodios, en diálogo con música y banda de música. La base teórica de esta investigación es la corriente feminista negra en las corrientes norteamericanas y brasileñas contemporáneas y la metodología utilizada consiste en el análisis fílmico-sonoro.

**Palabras clave:** *Insecure*; banda de sonido; protagonismo feminino negro.

Recebido em: 28/02/2022 | Aprovado em: 06/06/2023 | Revisado em: 26/06/2023

<https://doi.org/10.22484/2177-5788.2023v49id4942>

Copyright © 2023. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional –  [Creative Commons – CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## 1 Introdução

Desde o surgimento do primeiro filme com falas sincronizadas com a imagem, *The Jazz Singer* (1927)<sup>1</sup>, nota-se que a discriminação racial e de gênero, entre outros tipos, sempre estiveram presentes nas obras audiovisuais. A mulher negra já se manifestava, já revolucionava, porém, a sua presença no audiovisual era menor ou quase nula.

O audiovisual reflete o que a sociedade é, como pensa e como age diante das situações discriminatórias. Nos últimos anos, o protagonismo negro cresceu de forma constante em seriados americanos, exatamente em um país (EUA) com aproximadamente 12,3% da população negra, um local em que casos de discriminação racial ganharam notoriedade<sup>2</sup>. Nesse cenário a série americana *Insecure* (2016; 2017) é protagonizada por duas mulheres negras retintas, Issa Dee (Issa Rae) e Molly Carter (Yvonne Orji), afro-americanas, que possuem empregos diferentes, são amigas que compartilham situações do dia a dia, desde conflitos em seus empregos e inseguranças até ao desejo do relacionamento romântico perfeito (Figura 1 e Figura 2).

Figura 1 – Atriz: Issa Rae interpretando Issa Dee.



Fonte: *Insecure* (2016).

Esse seriado americano tem o estilo voltado para comédia com vínculo com o cotidiano para fora da tela para o público adulto e preto, pois são pessoas que passam

---

<sup>1</sup> Filme americano, foi o primeiro com sincronismo nas falas e músicas, produzido em larga escala.

<sup>2</sup> O *Black Lives Matter* é uma organização que nasceu em 2013 por três ativistas norte-americanas: Alicia Garza, da aliança nacional de trabalhadoras domésticas; Patrisse Cullors, da coalizão contra a violência policial em Los Angeles; e Opal Tometi, da aliança negra pela imigração justa. Hoje, é uma fundação global cuja missão é "erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras" pelo Estado e pela polícia.

pelas mesmas situações que as protagonistas, tendo um entendimento mais aprofundado e maior identificação com o enredo.

Figura 2 – Atriz: Yvonne Orji interpretando Molly Carter.



Fonte: *Insecure* (2016).

No momento em que o telespectador se identificar com alguma situação de discriminação social ou racial irá refletir e analisar o mundo ao seu redor e notará, por exemplo, quantas pessoas de etnias diferentes têm em seu local de trabalho, quantas pessoas negras trabalham em cargos públicos ou políticos, se existe essa diversidade ou representatividade mostrada em um filme ou novela de sua nacionalidade, etc.

Vivemos em uma sociedade que se desenvolveu e se enraizou nessa estrutura racista, pois o racismo cresceu em um processo organizacional em todas as áreas da sociedade (jurídica, econômica, institucional, política, entre outras) criando uma forma de impor aos grupos de uma certa raça a subalternidade. “Por trás de *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de conceito *relacional e histórico*.” (ALMEIDA, 2019, p. 20) que, por sua vez, reflete no audiovisual desde o seu surgimento. Um exemplo disso era o *blackface*, uma prática comum durante o século XIX, nos Estados Unidos, em que pessoas brancas se pintavam de preto para ridicularizar pessoas negras, para estereotipar de forma negativa, passando a mensagem de que todo o afrodescendente tinha características “bestiais, sem história, envoltos em ferocidade e superstição” (ALMEIDA, 2019, p. 23) incluindo características físicas, comparando-os aos animais e insetos.

Quando surgiu o cinema, no final do século XIX, não havia participação de pessoas negras e o *blackface* foi reforçado, pois os atores brancos se pintavam de preto e passavam a imagem de que pessoas pretas eram sempre bandidas, vilãs, malandras e imorais, como no filme *The Jazz Singer* (1927). O longa com o protagonista “negro” Jakie

Robinowitz (Jack Robin), interpretado por um ator/cantor branco Al Jonson, é considerado o primeiro filme com falas gravadas, possuindo 354 palavras e canções gravadas, em disco de acetato<sup>3</sup>, sincronizadas com a imagem (Figura 3).

O fato é que o cinema se tornou comercialmente audível em 1927 com o filme *O cantor de jazz* (*The jazz singer*, Alan Crossland, 1927), quando os espectadores puderam, pela primeira vez, ouvir sons sincronizados com a imagem em uma tela de cinema. A partir de então, sendo possível a sonorização de imagens, pesquisas se desenvolveram em busca da melhor forma de utilizar o som em conjunto com a cena (CARREIRO; OPOLSKI; SOUZA, 2018, p. 182).

Figura 3 – Ator Al Jason interpretando Jack Robin.



Fonte: Malva (2020).

Esse filme foi um grande sucesso pela inovação da tecnologia de sincronismo de som com imagem da época, porém reforçava a discriminação racial.

A atriz Hattie McDaniel (1893 a 1952 - EUA) desafiou os supremacistas brancos, sendo a primeira afrodescendente a conquistar o *Oscar* de Melhor Atriz Coadjuvante, em 1940, interpretando *Mammy*, que era uma personagem que trabalha como doméstica, possivelmente escravizada, que cuidava da protagonista no filme “E o Vento Levou”

---

<sup>3</sup> Disco de acetato é conhecido como disco de vinil usado em gramofone, começou ser utilizado nos anos 30 até o final dos anos 50.

(1940). Porém, por não poder ficar no mesmo lugar onde havia pessoas brancas, por causa da política segregacionista da época, chamada *Separate but equal* (que significa: Separado, mas igual), ela não pode se sentar junto ao elenco do filme durante a premiação, assistindo todo o evento do fundo da sala.

Figura 4 – Atriz Hattie McDaniel interpretando a personagem Mammy em o filme “E o Vento Levou”



Fonte: Güimil (2019).

Conforme Novais (2021), em 1940, Hattie McDaniel precisou de uma autorização especial para poder receber pessoalmente o prêmio de melhor atriz coadjuvante em tempos de segregação racial (Figura 5). Inclusive, para ela entrar como convidada no edifício em que ocorreu o evento, foi necessária uma permissão especial, visto que as únicas pessoas pretas autorizadas no local eram empregadas domésticas ou operários.

Figura 5 – Atriz Hattie McDaniel com a estatueta do Oscar



Fonte: Güimil (2019).



Como informado anteriormente, houve um reflexo do que acontecia no mundo na tela do cinema, isso não foi diferente com o forte racismo, sexismo e elitismo classista da época. Nesse sentido, a representatividade feminina negra era praticamente inexistente. Afinal, segundo Gonzalez (2018) se há divisão racial e sexual no trabalho, pode-se concluir a discriminação sofrido pela mulher negra enquanto raça, classe e sexo, com conseqüências no seu lugar como força de trabalho.

Importante destacar que, apesar de a Hattie McDaniel ter vencido o *Oscar* em 1940, foi na categoria de Atriz Coadjuvante, ou seja, em um papel não protagonista. Não havia protagonismo negro, seja masculino ou feminino. Desde o *Oscar* de Melhor Atriz Coadjuvante para atriz Hattie McDaniel, a estatueta passou um longo tempo sem voltar às mãos de uma mulher preta, até que o *Oscar* de Melhor Atriz Coadjuvante, em 1991, foi para atriz Whoopi Goldberg (Figura 6) no filme "*Ghost*" (1990).

Figura 6 – Atriz Whoopi Goldberg com a estatueta do Oscar



Fonte: Getty Images (2023).

Whoopi Goldberg interpretava a personagem Oda Mae Brown que abriu uma loja no Brooklyn (EUA) e se fez passar por conselheira espiritual, embora nunca tivesse se conectado com os espíritos de falecidos. Ela exercia serviços de vidência e trabalhava atendendo ao público, sendo sempre avisada por sua mãe e avô que era *médium*, mas nunca acreditou no seu dom ou ancestralidade.

Já o *Oscar* de Melhor Atriz somente chegou a uma mulher preta pela primeira vez, em 2002, para atriz Halle Berry, no filme *A última Ceia (Monster's Ball, 2001)*, interpretando Leticia Musgrove, uma garçonete, mãe solteira, com o marido preso condenado ao corredor da morte, nos Estados Unidos, que, após algumas visitas, relaciona-se com um guarda racista que trabalha na prisão (Figura 7).

Figura 7 – Atriz Halle Berry com a estatueta do Oscar.



Fonte: Getty Images (2023).

Desde então, em 20 anos, nenhuma mulher negra ganhou o Oscar de Melhor Atriz. Esse tipo de análise só confirma a falta de diversidade e representatividade no meio do audiovisual. As Premiações de Melhor Trilha Sonora ainda não foram conquistadas por mulheres negras, mesmo depois de 95 edições do *Oscar*, mas existem outras poucas premiações para afrodescendentes nesse evento, que é o mais importante do audiovisual.

Os papéis dados no audiovisual para pessoas pretas eram sempre de empregadas domésticas, de cozinheiras, de garçons, entre outros, e sempre subordinados a chefes brancos. Como informado anteriormente, houve um reflexo do que acontecia no mundo para a tela do cinema.

E, além desse lugar que a sociedade coloca a mulher preta, independente da área que trabalhe, essa mulher necessita ter um psicológico mais forte, não lhe dando espaço para fraquezas, não se permitindo cometer erros, pois sabem que os erros cometidos serão associados à sua raça, a suas vestimentas, a sua maneira de falar ou a forma de moldar o seu cabelo. E, ao gerar essa força para si, se blindando desses ataques, tem que

oferecer força moral para dar apoio ao seu companheiro ou companheira, aos filhos(as) ou a família.

Ao despertar essa concepção de que vivemos em uma sociedade que possui um racismo estrutural, entendemos que as instituições, os meios de política e os meios de comunicação são racistas, sendo assim “[...] as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2019, p. 38).

Desse modo, o objetivo central deste artigo é analisar o protagonismo negro das personagens Issa Dee (Issa Rae) e Molly Carter (Yvonne Orji). A análise se dará por episódio (direcionado a elas), levando em consideração temas ligados ao povo afrodescendente, abordados de forma mais próxima da realidade, e como a trilha sonora se contextualiza a partir desses temas.

A representatividade no audiovisual de afrodescendentes se reflete nas escolhas das músicas *cues*<sup>4</sup>, segundo Berchmans (2012). Muitas das vezes, essas *cues*, conforme Berchmans (2012, p. 33) narram o que aconteceu, o que acontece e o que acontecerá nas próximas sequências, sendo importante a análise das mesmas para compreender o que está sendo mostrado na cena. Assim, conseguimos compreender as emoções do personagem sem ele ou ela precisar dizer sobre, pois a música já descreve o momento ou sentimento.

## 2 Seriados com protagonismo negro no audiovisual norte americano no período do milênio (2014 até os tempos atuais)

Com os manifestos e protestos que aconteceram com o passar dos anos, as lutas pela igualdade racial, social, de gênero, entre outros, o povo preto foi conquistando o espaço no audiovisual. Isso não significa que o racismo acabou ou se extinguiu, mas que hoje em dia temos mais voz, temos um lugar de fala, graças a movimentos como esse que ocorreram no decorrer de décadas. Apesar disso, a luta é constante em todas as áreas de trabalho e há muito ainda a se conquistar.

No caso de *Insecure*, a visibilidade e protagonismo são de duas mulheres pretas retintas vivendo em uma sociedade sexista, racista, discriminatória as quais, mesmo sendo capacitadas e independentes, não estão blindadas contra esses males.

As questões étnicas e sociais, presentes no seriado, acontecem no nosso dia a dia, o que, por sua vez, geram uma conexão com o público. Sendo assim, foram selecionados

---

<sup>4</sup> *Cues* de trilha sonora musical é o equivalente a cada uma das faixas do disco. Cada trecho da música do filme é um *cues*, por menor que seja. [...] *cues* são pequenos trechos utilizados basicamente para apontar algum acontecimento ou fazer uma breve transição entre cenas.



os dramas principais abordados durante as temporadas, que são: a) Mulheres negras sendo julgadas pela sua aparência, desde o corte do cabelo ao tipo de roupa utilizada e esse preconceito é destacado desde a primeira temporada; b) As protagonistas conseguem lidar com as mudanças e continuam buscando desenvolvimento na vida pessoal e profissional. Ao perceberem que precisam de ajuda, uma recorre a outra, assim tornando a amigas das protagonistas um elo de empoderamento, uma sendo o apoio da outra e mesmo assim sendo independentes, trabalhando nas áreas que planejaram, pagando as suas contas sem precisar de ajuda externas de parentes etc.; c) As protagonistas estão solteiras (na segunda temporada) e tem dificuldade de conseguir encontros satisfatórios, lidando com relacionamentos abertos e com um término difícil; d) As únicas mulheres negras em sua área de trabalho, quando encontram outra mulher negra, fazem questão de empoderar essa colega de trabalho. Durante essa segunda temporada, Molly se dispõe a investigar e a entender o porquê de seu colega de trabalho receber mais do que ela. Então, fora do trabalho, começa a ir a reuniões entre homens do escritório para tentar socializar. Assim, a conversa é informal, descontraída, mas voltando para o trabalho ela é tratada friamente, como se a reunião anterior não tivesse acontecido; e) O seriado mostra expressamente o poder da meritocracia sofrido no trabalho: se o seu colega de trabalho branco, está recebendo uma bonificação, foi pelo fato dele ter merecido; se sua amiga branca foi promovida, foi pelo fato dela não ter errado no trabalho. Almeida (2019, p. 66) confirma que:

[...] o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisnormatividade.

[...] No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava ao seu alcance.

Durante os episódios, tanto da primeira quanto da segunda temporada, Issa e Molly tentam provar, constantemente, que são merecedoras de uma promoção em seus trabalhos e que são capazes. Porém, elas têm chefes que são pessoas brancas que não reconhecem suas ações, ou seja, o esforço não é reconhecido, mas o erro é demonstrado na hora, sempre com aquela ameaça entrelinhas de que “você irá perder seu emprego se não fizer direito o seu trabalho ou no próximo erro não terá perdão”.

## 2.1 A importância da terapia

A Molly procura ajuda na terapia e o interessante que a psicóloga é uma mulher preta. No começo Molly não se sentia a vontade, pois tinha um preconceito contra o ato de se fazer terapia, mas pelo fato de ser uma mulher preta como terapeuta, a ajudou a compreender as situações que passava, por exemplo, ao descobrir que seu colega de trabalho branco recebe bonificações salariais mais do que ela e ao perceber que seus chefes não iriam lhe dar esse privilégio. Durante a terapia, entende que precisa buscar lugares que valorizem o seu trabalho. Essa evolução da protagonista Molly fica muito nítida, pois ela compreende que suas dúvidas precisavam de um acompanhamento terapêutico para lhe ajudar a entender as situações que aconteciam, lhe ajudar a tomar uma decisão que seja melhor para ela como profissional e na vida pessoal.

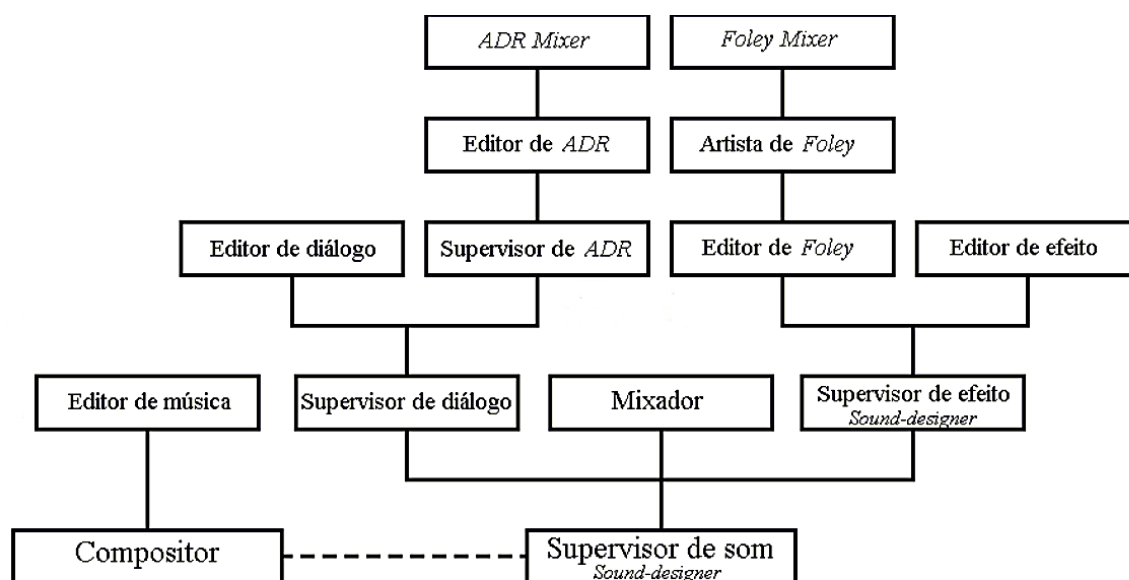
Nos tempos atuais, qualquer pessoa pode escolher o tipo de ficção seriada que tenha a ver com seu cotidiano, além das problemáticas e dramas mostrados, gerando uma conexão com o que está sendo mostrado e permitindo que ela se identifique, assim se cria um lugar de fala e de visibilidade.

Embora a população negra venha participando mais dos elencos e produções no audiovisual, tal participação é minoritária e não proporcional ao seu tamanho na sua na sociedade ocidental. Por isso, ter uma representatividade racial e social importa para que se tenha uma busca constante pela igualdade, segundo Almeida (2019, p. 67) "Enfim, o que chamamos de representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia".

### **3 A trilha musical *Insecure* e os processos da edição de som no audiovisual**

A produção de obras audiovisuais possui várias etapas, como gravação de cenas, direção de arte, figurinos, gravação de som direto, entre outros, mas o objetivo desse capítulo é falar um pouco das etapas da edição de som e como isso contribui para a narrativa da trilha musical da série objeto desse estudo. A música é inserida em um filme ou ficção seriada na pós-produção (Figura 8).

Figura 8 – Organograma de equipe de pós-produção de som



Fonte: Opolski (2009, p. 20).

Nesse gráfico, podemos notar que o supervisor de som (*sound-designer* do filme ou da ficção seriada) comanda vários núcleos e consegue verificar todos os lados da construção do som de um filme ou série de forma detalhada para que esse som seja compreendido.

A pós-produção é mais que um retrato de som da cena, é o momento onde nasce o desenho sonoro do filme, criando e adicionando novos sons à imagem: vozerio (*walla*), dublagens (*ADR*), sons que provém de outros objetos (*foley*), e os efeitos sonorous (OPOLSKI, 2009, p. 19).

No Caso de *Insecure*, a trilha musical é usada como forma de narrativa do episódio ou como forma resumida da temporada. Também, as músicas (com vocal ou somente instrumental) são utilizadas como transição de uma cena para outra, tornando aquele momento da cena mais fluído, mesmo trocando de ambientes “[...] podemos considerar a trilha musical como um personagem oculto que, no entanto, participa ativamente do drama.” (MATOS, 2014, p. 51). Dependendo da cena ou do episódio, a música cantada ou inserida como *cues* pode trazer mais dramaticidade à narrativa. Sendo assim, a edição de som possui quatro secções (e cada segmento tem um supervisor de som): diálogos, *Foley*, efeitos e música.

A área de diálogos é responsável por deixar os áudios mais limpos e inteligíveis (sem ruídos, sem problemas técnicos, como distorções, cliques, ruídos de boca etc.), focando sempre na compreensão da fala, desde a captação do som direto e até a dublagem. Segundo Carrero, Opolski e Souza (2018, p. 57), *Foley*<sup>5</sup> é responsável pelos detalhes sonoros que existem na imagem, por exemplo: passos, som do vento, ruídos de roupas, etc. Também possui subdivisões:

Uma sessão de *Foley* geralmente é dividida em: (*steps*) passos, (*clothes*) roupa e (*props*) objetos de cena. Juntos, esses sons formam um contraponto, criando a ambiência e auxiliando na construção da ficção. Em primeiro lugar, os sons não são recompostos de acordo com o que se ouviria no mundo real pois o que foi captado pelo som-direto é utilizado apenas para som guia. Em vez de reproduzir fielmente os sons de cada cena, os artistas de *Foley* recriam todos os sons dramaticamente, e muitas vezes usam fontes sonoras diferentes (OPOLSKI, 2009, p. 27).

Ou seja, o *Foley* é, praticamente, reproduzir o som que está sendo mostrado na imagem, assim criando mais interação e narrativa, mas não necessariamente de maneira realista. Os efeitos são sons inseridos no filme ou seriado que não possuem a necessidade de serem gravados em sincronismo com a cena, que também possui suas subdivisões:

Os efeitos são divididos em três categorias, de acordo com a função desempenhada: *backgrounds*, os sons que compõem os ambientes, *hard-effects*, efeitos que são possíveis de serem vistos pelo espectador, relativos a uma fonte sonora *on frame*; e *sound-effects*, que são os efeitos não-literais, não-indiciais e que não devem ser submetidos à escutas causais, pois não são representativos (OPOLSKI, 2009, p. 32).

Dessas três categorias a música poderá estar presente em quase todos. Por exemplo, no *background*, que foca em sons ambientes, a música pode ser usada na ambientação do local onde o personagem está, se tornando diegética, mesmo sendo abafada por sons externos e “[...] a música enfatiza o que se percebe na sequência ou ajuda a situar o público no tempo e espaço em que se dão os fatos.” (MATOS, 2014, p. 54). E, por fim, os *sound effects*:

---

<sup>5</sup> Jack Foley (1891- 1967) foi um diretor especializado em filmar planos-detelhes e *sound effects* que revolucionou, a técnica em 1929, e idealizou essa técnica, sugerindo aos executivos do estúdio que ele gravasse os sons detalhes (como ruído de roupas, som da chuva etc.) do filme junto com a orquestra para que houvesse mais sincronismo dos sons com a imagem dos filmes.

[...] são sons não-literais, pois não estão diretamente associados a ações, situações ou objetos físicos. Dessa forma, ocupam a mesma função que a música. São sons criados com objetivo dramático e narrativo para determinada montagem de imagens. (CARREIRO; OPOLSKI; SOUZA, 2018, p. 206-207).

Podemos notar que a música/*cues* inserida nos episódios geram esse elemento narrativo junto com a imagem e pode ajudar na ambientação do local, como pode ajudar no efeito focando em algum acontecimento, gerando um grande elemento sonoro que poderá ser moldado pelo mixador e que também será observado e lapidado pelo supervisor de som (*sound designer*) do projeto.

#### 4 Trilha musical de *Insecure* nas duas primeiras temporadas

A música em *Insecure* tem uma importância tão grande que, em praticamente todos os episódios, pois é um elemento sonoro narrativo, como informado anteriormente, tanto dramático quanto cômico, deixando a cena e a estória mais leves. Na maioria dos momentos ela se torna empática por ser cantada pelas protagonistas. Isso pode variar entre pequenas frases melódicas ou rimas de *rap* de forma improvisada, gerando uma empatia com o que está sendo demonstrado e cantado:

Numa das formas, a música exprime diretamente a sua participação na emoção da cena, dando ritmo, o tom e o fraseado adaptados, isto evidentemente em função dos códigos culturais da tristeza, da alegria, da emoção e do movimento. Podemos então falar de música empática (do termo empatia: faculdade de partilhar os sentimentos dos outros). (CHION, 2011, p. 14).

A presença sonora musical nos episódios torna as vozes das protagonistas mais fortes, como se fosse um lugar de fala musical, pois a atenção do público-alvo naquele momento se dobra ao que está sendo dito em forma de canto e trás a compreensão de sentimentos que, muitas das vezes, não são externados. Essas situações acontecem frequentemente durante as duas temporadas de *Insecure*, por exemplo quando uma das protagonistas Issa canta em frente ao espelho. Esse recurso contribui para a narrativa:

A música flui em ondas que se entremeiam com a ação da estória e com a ordem das sequências e planos, cumprindo papéis específicos em cada momento. Exercendo essas funções, a música dá suporte à estória e, eventualmente, a engrandece, sem fazer demanda extra da já engajada atenção da audiência. (MATOS, 2014, p. 53).



As músicas mais instrumentais também são introduzidas durante os episódios, no entanto, na maioria das vezes utilizadas como transições de cenas levando a outra localidade.

Ao entender que existe essas pontuações sonoras durante os episódios, conseguimos acompanhar melhor as histórias das personagens. Também compreendemos que a música é composta por melodias, harmonias, ritmos, etc., que motiva uma a comunicação melhor das protagonistas com o público e entre elas.

Mais à frente se mostrará uma transcrição aproximada da melodia cantada, pois é um improviso das personagens. A mesma foi passada para partitura sem altura definida da armadura de clave musical<sup>6</sup>, ou seja, foi utilizada uma clave de percussão, visto que a personagem Molly canta para suas amigas Issa e Kelli que respondem cantando de forma improvisada. E foi utilizado esse tipo de clave para melhor compreensão do ritmo, do que está sendo dito e do que está cantado, sem precisar definir altura de notas exatas.

Na segunda temporada, no episódio 4, (minutagem 1'28" - 1'39") se nota, nesses poucos segundos, que existe uma interação entre as personagens que cantam improvisadamente e essa melodia descreve o episódio<sup>7</sup> (Figura 9). Segue a letra apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 - letra da melodia e tradução

<i>Today it's all about me... And dance floor, I say, me and dance floor. Could it be about you... And get it ready, You and get it ready.</i>	Hoje é tudo para mim... E a pista de dança, eu disse, eu e a pista de dança.  Poderia ser sobre você... E vá se arrumar, você e vá se arrumar.
--	--

Fonte: *Insecure* (2017).

<sup>6</sup> É um símbolo, que pode variar entre a clave de sol, de fá e de dó, colocado no início da partitura (pentagrama), que determina o nome da nota.

<sup>7</sup> Episódio 4, segunda temporada de *Insecure*. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=IFpXFPC0gWA>.

Figura 9 – Momento que Issa, Kelli e Molly cantam.



Fonte: *Insecure* (2017).

Analisando uma transcrição aproximada das melodias, confirma-se que os estilos musicais utilizados pelas personagens foram o *rap* e o *jazz*. Justamente pela grande utilização de improviso, podemos notar que esses estilos foram estruturados pela população afro-americana, surgindo com pessoas pretas cantando ou tocando algum instrumento de forma ritmada e improvisada. Ter personagens mulheres negras cantando tão facilmente pequenas improvisações só confirma o alto nível de visibilidade, empoderamento e representatividade de músicas feitas pela população preta.

O episódio mostra muito esse lado cômico, mostra como esse pequeno ritmo narra grande parte do momento vivenciado pelas personagens e como essas melodias musicais se tornam parte da diegeses.

Outro elemento sonoro pouco lembrado é a música ambiente ou música diegética, ou ainda no original inglês, *source music*. É o elemento musical que faz parte do contexto da cena, ou ainda numa definição mais acadêmica, é toda a música cuja origem pode ser identificada por personagens [...] (BERCHMANS, 2012, p. 179).

Desse modo, existe um valor muito grande tanto nas músicas cantadas pelas protagonistas e quanto nas músicas que se mostram presente durante a diegeses. Tendo personagens que cantam ou ouvem a mesma música que o telespectador está ouvindo se cria uma ligação mais aprofunda e uma sensação de representatividade sobre o que está sendo vivido naquele episódio.

## 5 Visibilidade e representatividade musical

Na primeira temporada, existem 73 inserções de músicas e, aproximadamente, 52% da trilha musical, é cantada por mulheres, entretanto, já na segunda temporada, há 89 inserções de músicas e aproximadamente 50,46% da trilha musical, sendo novamente cantando por vozes de mulheres e tendo os mesmos estilos musicais que transitam entre o Hip-hop, folk, jazz, R&B, entre outros. O *rap*, por exemplo, é um estilo de música que dá valor ao som das palavras, ao ritmo do que é dito e a mensagem que vem por trás da melodia, pois é uma forma de protesto também, dando um lugar de fala.

Nas duas temporadas as protagonistas se comunicam, em alguns momentos, cantando uma frase para expressar os sentimentos e as vivências. Tendo em mente que cresceram ouvindo esses estilos musicais, as conversas ficam naturais quando uma canta para outra ou consigo mesmas. Após criar essa atmosfera, através das inserções de músicas, conseguimos entender as inter-relações entre a imagem e a música, conseguimos nos conectar a dramaticidade abordada por *Insecure*.

Na primeira temporada, o drama surge a partir de dúvidas sobre relacionamentos das duas protagonistas Issa e Molly. Uma em um relacionamento que não a satisfaz, que lhe deixa infeliz, e a outra tentando ter um relacionamento duradouro com alguém, mas não consegue e se frustra por não encontrar um homem que atenda a sua expectativa. Além disso, existem as discriminações de gênero e em algumas situações até raciais e a trilha musical consegue passear entre os assuntos, consegue ser neutra ou simplesmente se mantém descrevendo o que não é dito. Mesmo assim há mais músicas com a presença de vozes femininas do que músicas com vozes masculinas. Os episódios que se concentram em personagens masculinos, geralmente, têm as músicas cantadas por homens e o foco dessa pesquisa é o protagonismo feminino negro e as músicas cantadas por mulheres. Logo, episódios direcionados aos personagens masculinos não serão analisados.

Na segunda temporada, o drama continua com as duas personagens principais, porém, solteiras, tentando se relacionar com pessoas que, conseqüentemente, não têm os mesmos propósitos de vida, mas lidam da melhor maneira possível para se deixarem viver relacionamentos improváveis. Como na primeira temporada, existe uma grande inserção de músicas.

Entre a primeira temporada e a segunda temporada percebe-se vozes de mulheres negras cantando ainda como maioria, mas na segunda temporada houve mais divisões de cenas com personagens masculinos. Creio que a pequena baixa de porcentagem de uma temporada para outra seja por causa desse foco em outras figuras masculinas da vivência de Issa e Molly.

E quando informo sobre músicas inseridas, não estou dizendo que cada personagem tenha um tema musical, pois não existe essa definição nesse seriado. As *cues* são inseridas como um elemento extremamente narrativo que pode ser dramático e pode ser cômico ou até pode ter a forma descontraída deixando uma sensação subliminar, “[...] a música pode chamar a atenção para emoções subliminares, para algo que não se vê na imagem, mas que acontece no interior dos personagens ou em lugar distante de onde se encontram os protagonistas.” (MATOS, 2014, p. 58).

E a trilha musical se torna indispensável no momento que conseguem descrever cada pensamento, sentimento, acontecimento, sem o personagem precisar falar e mesmo quando fala o sente, transforma aquele momento do episódio em uma conexão entre o mundo audiovisual com o mundo do telespectador.

## 6 Frames e cues: análise da fortificação do protagonismo negro

### 6.1 Análise de alguns episódios focados nas protagonistas negras e as músicas cantada por mulheres na 1ª temporada da ficção seriada *insecure* (2016)

O objetivo central desse artigo é analisar o protagonismo negro das personagens Issa Dee (Issa Rae) e Molly Carter (Yvonne Orji) e a trilha musical composta por mulheres nas temporadas. A análise se dará por alguns episódios (direcionado a elas), levando em consideração temas ligados ao povo afrodescendente, os dramas abordados de forma mais próxima da realidade, e como a trilha musical se contextualiza a partir desses temas.

As músicas/cues a seguir são compostas majoritariamente por mulheres negras e há a inclusão de canto de uma das protagonistas durante a primeira temporada. A trilha sonora pode narrar situações, sentimentos e pode atuar como processos diegéticos, que são músicas que os personagens ouvem durante a cena, e os processos não-diegéticos, que são músicas que o telespectador ouve, mas os personagens não. As letras das melodias ou músicas serão colocadas no lado esquerdo e a tradução no lado direito. Também darei um exemplo de inserção de música por episódio analisado.

## Episódio 2

Música: *Nail polish - Shophie Been*<sup>8</sup> (minutagem: 1' 12" - 1' 22"), ver Quadro 2 e Figura 11.

### Quadro 2 - letra e tradução

*Why you gettin' loud, Yo you need to tone it down,  
Why you come around?*

Por que você está falando alto? Você precisa diminuir o tom. Por que você veio?

Fonte: *Insecure*. (2016).

Figura 11 – Issa e Molly em um local que faz manicure e pedicure (*nail polish*).



Fonte: *Insecure*. (2016).

<sup>8</sup> Cantora e compositora branca, música do álbum *Sophie Beem - EP*, 2016.



Nos frames os esmaltes representam as diversas questões que as protagonistas têm que solucionar. Essa parte da música descreve dois fatos: a insatisfação da personagem Issa, por estar em um relacionamento em que não se sente valorizada (uma das formas de postergar a conversa foi indo para uma *nail polish center* com sua amiga) e da personagem Molly que não consegue encontrar um companheiro estável, mesmo procurando em diversos lugares e apps de relacionamento.

### Episódio 5

Música: *Where did i go? Jorja Smith*<sup>9</sup> (minutagem: 20' 17" - 21' 02"), ver Quadro 3 e Figura 12.

Quadro 3 - letra e tradução

<i>Maybe this fate was overdue. Baby it's late and I'm confused.</i>	Talvez este destino estivesse atrasado. Baby está tarde e estou confusa.
[..]	[...]
<i>Where did I go? When did the sun rise? How did I fall? Got lost in the moonlight... Where did I go? When did I realize, My love was on hold?</i>	Onde eu fui? Quando o sol nasceu? Como eu caí? Me perdi no luar... Onde eu fui?
<i>So now this is goodbye Good, goodbye. Goodbye. (2x)</i>	Quando eu percebi, Meu amor estava em espera? Então agora isso é um adeus Bom, adeus Adeus

Fonte: *Insecure* (2016).

<sup>9</sup> Cantora negra, música do álbum *Lost & Found*, 2018.

Figura 12 – Molly sozinha



Fonte: *Insecure* (2016).

A trilha narra o momento que Molly percebe que está perdida na busca por um relacionamento saudável.

Essa busca se torna desgastante, pois já usou várias táticas, como: usar aplicativos de encontros, ir em encontros onde o local é extremamente elegante, se vestir de maneira mais formal (com roupas e sapatos de grife), chamar algum pretendente em evento pessoal (como noivado de uma amiga de trabalho ou uma festa que tem a presença de melhores amigos) para mostrar que está acompanhada, pois a mesma é indagada a todo momento se está em um relacionamento. Portanto, Molly sofre com essa busca pelo relacionamento romântico perfeito, se cobra e é cobrada pelos seus amigos.

No primeiro frame, mostra ela sozinha, havendo várias cadeiras vazias próximas a ela, e no segundo frame há um foco no perfil dela bebendo, mas o outro lado da sala está cheio e, bem no meio, há um casal de noivos felizes. Essas duas imagens demonstram o tipo de confusão que a música indaga.

## 6.2 Análise dos episódios focados nas protagonistas negras e as músicas cantada por mulheres na 2ª temporada da ficção seriada *insecure* (2017)

A compreensão de que a trilha musical é considerada um meio narrativo, conseguimos compreender a imagem ou frames, descritos nessa pesquisa, com o que está sendo dito em forma de melodia. Na segunda temporada isso não muda, os episódios são focados nas protagonistas negras, mas também mostra a vida de outros personagens que estavam presentes na vida dessas delas, por exemplo mostrar a vida do ex-namorado de Issa, como ele está após o término, se tem trabalho ou se está em um relacionamento após o término.

Mesmo a segunda temporada de *Insecure* tendo maior inserção de *cues* do que na primeira temporada, teve mais vozes de homens inseridas musicalmente pelo fato de ter

que mostrar a vivência do homem preto. Entretanto, a voz de mulheres inserida na trilha musical é maior que a de voz de homens, pois, como informado anteriormente, o foco principal são as protagonistas pretas e isso se reflete nas músicas inseridas.

Trarei exemplos de uma música por episódio, demonstrando o processo narrativo dessa música com a imagem e qual o drama informado no momento.

### Episódio 1

Issa cantando (minutagem: 1'28" - 1'49"), ver Quadro 4 e Figura 13.

Quadro 4 - letra e tradução

<p><i>I'm a liar, sweetie.</i></p> <p><i>And she don't make his too (i do).</i></p> <p><i>Shouldn't trust me or I'll hurt your feelings</i></p> <p><i>Boooo, i don't wanna be here, but my ex won't take me back.</i></p> <p><i>So broken ass here, small talking over apps.</i></p> <p><i>Put it down girls!</i></p> <p><i>I'm so dead inside, nigga, i cry every day...</i></p> <p><i>You should get check and here's the tip shack?</i></p> <p><i>Run away!</i></p>	<p>Sou mentirosa, querido.</p> <p>E ela não faria isso com ele (eu faria).</p> <p>Não confie em mim, senão vou machucar você.</p> <p>Booo, eu não queria estar aqui, mas meu ex não me quer mais.</p> <p>Então, estou aqui jogando conversa fora sobre apps.</p> <p>Manda ver, garota!</p> <p>Estou tão morta por dentro que eu choro todos os dias.</p> <p>Você deve pedir a conta e que tal a gorjeta?</p> <p>Fuja!</p>
--	---

Fonte: *Insecure* (2017).

Figura 13 – Issa cantando.



Fonte: *Insecure* (2017).

No primeiro episódio, já mostra a vida de Issa após o término do relacionamento, tendo que ir em vários encontros marcados por aplicativo. A cada frame mostra ela entediada, com raiva, séria e a música. Ao cantar, mentalmente, ela começa a fazer percussão com os talheres e a cada rima ela desabafa sobre o que pensa sobre os encontros cansativos e repetitivos. Pelo fato de se sentir culpada por ter traído o ex-namorado, já avisa aos pretendentes para fugirem, pois poderá machucar qualquer um que tentar se relacionar com ela emocionalmente.

Essa música já narra a segunda temporada, o trauma que a fez “se sentir morta por dentro”, pelas dificuldades de se relacionar com outros homens, sempre sentindo falta do que tinha e relevando dificuldades de se adaptar. Issa também percebe que não consegue se conectar e acaba que comparando o seu momento atual com o que passou, sendo assim, acaba sugerindo a fuga para qualquer um que tenteasse uma relação sentimental.

## Episódio 2

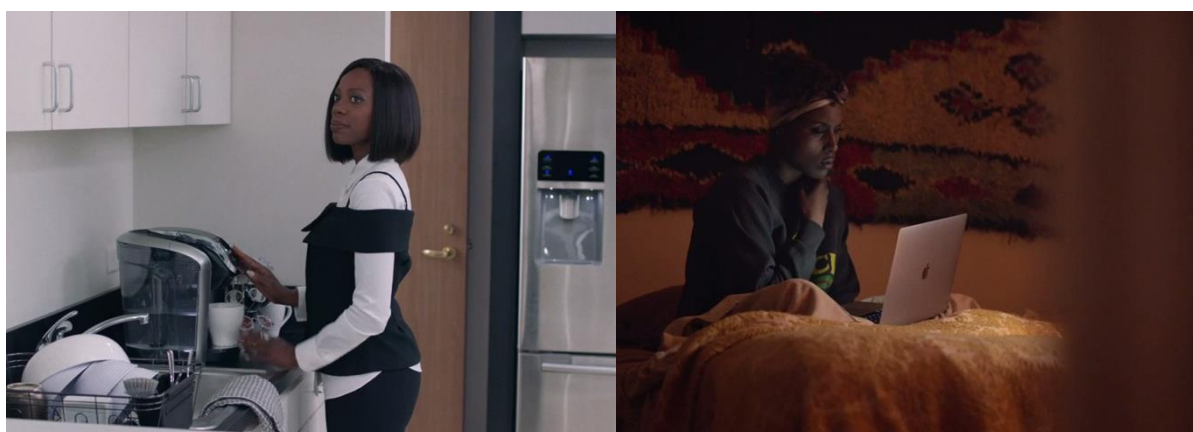
Música: *Frustrations/ Solutions - Kilo Kish*<sup>10</sup> (minutagem: 21'55" - 22'27"), ver Quadro 5 e Figura 14.

Quadro 5 - letra e tradução

<p><i>I need some candy to restore my calmness. I've had some crazy freak outs lately. I kicked all my shit around my closet. Nobody is coming to tell me to stop it. My shoes... they scuffed. My white walls, i punched...</i></p>	<p>Eu preciso de alguns doces para restaurar minha calma. Eu tive algumas loucuras surtadas ultimamente. Eu chutei todas as minhas merdas ao redor do meu armário. Ninguém está vindo para me dizer para parar com isso. Meus sapatos... eles arranharam. Minhas paredes brancas, eu soquei...</p>
--	--

Fonte: *Insecure* (2017).

Figura 14 – Molly e Issa.



Fonte: *Insecure* (2017).

<sup>10</sup> Cantora e compositora negra, Álbum e ano: *Reflections in real time*, 2016.



Nesse frame, Molly tenta interagir de forma mais descontraída com o seu chefe (que é homem branco) do escritório onde trabalha. Ela achou que pelo fato de ter ido a um jogo *Hockey* com os executivos e ter conseguido interagir e socializar melhor com as pessoas e seu chefe, esperava que quando chegasse no escritório, no dia seguinte, poderia conversar mais livremente como antes, mas o seu chefe simplesmente a ignorou e fingiu que não entendia a piada. Essa música tocada durante a cena de Molly até a transição de Issa, conta muito essa frustração vivida por ela naquele momento e ao perceber que não tem o mesmo tipo de igualdade com os homens brancos do seu trabalho. Assim, ela nota que eles são “as paredes brancas” que ela quer socar, a partir do momento que ela percebeu que homens brancos, que exercem a mesma função, ganham bonificações salariais.

Enquanto Issa, a imagem mostra o momento que ela descobre que seu ex-namorado já estava se interessando por outra pessoa, mesmo namorando com ela. A partir desse momento, começa a encontrar evidência e se frustra ao notar que a pessoa que mais considerava já estava sondando outra pessoa. O fato de trair o namorado foi errado, mas a forma como foi tratada por um erro, não foi somente culpa dela, mas de um relacionamento que os dois usavam como sapatos que se desgastaram. Essa música mostra as frustrações das duas protagonistas e como elas tem que domar suas frustrações e loucuras para não se deixarem abalar e assim manter a calma para os futuros acontecimentos.

Com esses exemplos conseguimos compreender a importância que a música, *cues* ou trilha sonora tem para a construção e desenvolvimento dos conflitos dramáticos das personagens. Esses tipos de inserções conseguem nos trazer mais emoções da cena, mais ritmo e ajudam a história a ser contada com mais fluidez e empatia, dando, como enfatiza Chion (2011), além de informações, uma ressonância emocional.

## 7 Considerações finais

*Insecure*, uma série americana (EUA), criou um ambiente de protagonismo para mulher negra que vive em um país com racismo estruturado. Aqui no Brasil, essas mudanças acontecem bem lentamente, mas já possui um pouco de representatividade racial em comerciais, novelas, seriados e filmes, porém a mulher afrodescendente ainda não ganhou destaque.

Nas duas temporadas as protagonistas se comunicam, em alguns momentos, cantando uma frase para expressar os sentimentos e as vivências. Tendo em mente que cresceram ouvindo esses estilos musicais, as conversas ficam naturais quando uma canta para outra ou consigo mesmas. Também mostra a importância de ter representatividade

e como isso é fundamental, pois nos leva a entender que existem alternativas viáveis para todos, havendo uma expansão de horizontes, que solicita uma quebra de padrões.

As inclusões de músicas possibilitam a visibilidade das situações vivenciadas pelas mulheres negras (como a solidão em um relacionamento, o esforço constante para manter o emprego, ser a única a manter a casa, a constante sensação de que é necessário provar a própria capacidade, entre outras situações) tanto das personagens que são da geração *millenials*, quanto de artistas afrodescendentes. Isso gera um lugar de fala.

Como existe um empoderamento e um lugar de fala no audiovisual através de *Insecure*, as protagonistas conseguiram os trabalhos que almejavam durante a faculdade e saíram da bolha que o racismo estrutural. Embora os trabalhos domésticos ou braçais sejam ocupações dignas, o racismo coloca a mulher preta em certos lugares de subalternidade. Assim, quando a mulher preta rompe essa bolha, não vê representatividade em outras áreas.

A trilha musical mostra a importância de ter representatividade e como isso é fundamental, pois nos leva a entender que existem alternativas viáveis para todos, havendo uma expansão de horizontes, que solicita uma quebra de padrões. Alternativas que poderiam ser colocadas em prática no audiovisual brasileiro que ainda insiste em não refletir a população de maioria preta, parda, indígena e só mostra um lado que é da população branca. Assim os movimentos do feminismo negro apresentaram um debate por direitos as mulheres pretas e se não existissem movimentos que buscassem essa igualdade racial e de gênero não seria possível ter tantos seriados ou filmes com essa representatividade.

Entre a primeira temporada e a segunda temporada percebe-se vozes de mulheres negras cantando ainda como maioria, mas na segunda temporada houve mais divisões de cenas com personagens masculinos. Creio que a pequena baixa de porcentagem de uma temporada para outra seja por causa desse foco em outras figuras masculinas da vivência de Issa e Molly. Porém, existem algumas músicas que foram compostas especialmente para segunda temporada, isso mostra que houve uma preocupação de ter músicas compostas para aquele momento e que compositoras mulheres querem que suas músicas estejam em seriados como *Insecure*.

E quando informo sobre músicas inseridas, não estou dizendo que cada personagem tenha um tema musical, pois não existe essa definição nesse seriado. As *cues* são inseridas como um elemento extremamente narrativo que pode ser dramático e pode ser cômico ou até pode ter a forma descontraída deixando uma sensação subliminar. E a trilha musical se torna indispensável no momento que conseguem descrever cada pensamento, sentimento, acontecimento, sem o personagem precisar falar e mesmo

quando fala o sente, transforma aquele momento do episódio em uma conexão entre o mundo audiovisual com o mundo do telespectador.

Após criar essa atmosfera, através das inserções de músicas, conseguimos entender as inter-relações entre a imagem e a música, e assim nos conectar à dramaticidade abordada por *Insecure*. Por esse motivo, séries como *Insecure* são tão importantes para a sociedade, pois trazem temáticas da vivência de uma mulher negra periférica, da mulher negra que luta para continuar com seu emprego, da mulher negra que luta pelo seu sustento sem apoio e, ainda, inclui de forma artística as cantoras de sua maioria negra na trilha sonora e na equipe.

Ao ter inserções de músicas cantadas e produzidas por mulheres negras, que narram acontecimentos e sentimentos ou descrevem o que acontecerá em um episódio, surge um equilíbrio de oportunidades, de cultura, de vivências e de experiências no ramo do audiovisual para o povo preto. Portanto, nota-se que há uma comunidade preta que tem voz e que está buscando espaço através das atrizes, cantoras, rappers e diretoras negras que, pelo menos nessa série, mostram o poder da mulher negra de buscar igualdade no audiovisual.

## Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. Kindle.

A ÚLTIMA ceia. (*Monster's Ball*, original). Direção de Marc Forster. EUA: [s. l.], 2001. Duração: 111 min.

BERCHMANS, Tony. **A música do filme**: tudo o que você gostaria de saber sobre a música de cinema. São Paulo: Escrituras Editora, 2012. p. 33

CARREIRO, Rodrigo; OPOLSKI, Débora; SOUZA, João Baptista Godoy de. **O som do filme**. Pernambuco: Editora UFPE; Editora UFPR, 2018.

CHION, Michel. **A audiovisual**: som e imagem no cinema. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

E O VENTO LEVOU. 1939. Direção: George Cukor; Sam Wood; Victor Fleming. 238 min. EUA.

G1-BA. Uma pessoa a cada 5 pessoas na Bahia se declara preta, aponta IBGE. Bahia, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/22/uma-em-cada-5-pessoas-na-bahia-se-declara-preta-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 01 jun. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.

GHOST. Direção: Jerry Zucker. Duração: 127 min. EUA: Distribuidor Paramount Pictures, 1990.

GETTY IMAGES. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/>. Acesso em: 04 fev. 2022.

GÜMIL, Eva. Hattie McDaniel: a cruel história de uma atriz que ganhou um Oscar e desafiou a sociedade. **El País – Cultura**. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576235728\\_595044.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576235728_595044.html). Acesso em: 15 jan. 2022.

INSECURE (Season 1). Série. Direção: Cecile Emeke, Debbie Allen, Kevin Bray e Melina Matsoukas. 223 minutos. EUA: HBO Entertainment, 2016.

INSECURE (Season 2). Série. Direção: Cecile Emeke, Debbie Allen, Kevin Bray e Melina Matsoukas. 223 minutos. EUA: HBO Entertainment, 2017.

MALVA, Pamela. Racismo escrachado: 5 vezes que o blackface chegou aos cinemas. **Aventuras na história**, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/racismo-escrachado-5-vezes-que-o-blackface-chegou-aos-cinemas.phtml>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MATOS, Eugênio. **A arte de compor música para cinema**. Distrito Federal: Editora Senac Distrito Federal, 2014.

NOVAIS, Clara. Quem foi a primeira atriz negra a ganhar o Oscar. **ELLE**, 2021. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/primeira-atriz-negra-vencer-oscar/o-discurso-de-halle-berry-ao-vencer-o-oscar>. Acesso em: 02 set. 2021.

OPOLSKI, Débora Regina. **Análise do design sonoro no longa-metragem Ensaio sobre a cegueira**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Música do Departamento de Artes, Setor de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2009.

SACRAMENTO, Oriana Isabelle. A importância da representatividade na sessão de terapia. **Psicologia viva**, 2020. Disponível em: <https://blog.psicologiaviva.com.br/a-importancia-da-representatividade-negra-na-sessao-de-terapia/>. Acesso em: 06 nov. 2021.

THE JAZZ SINGER. Direção: Alan Crosland. EUA: Warner Bros Entertainment, 1927.